

---

# A temática da morte em três crônicas goianas

## The theme of death in three chronicles from Goiás

Jane Adriane Gandra<sup>1</sup>  
Nismária Alves David<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** Este artigo pretende discutir a temática da morte na crônica literária de escritores goianos. Como arcabouço teórico para a temática central, foram primordiais os estudos de Edgar Morin (1997), Philippe Ariès (2012) e Arthur Schopenhauer (2014). Dos resultados, constatou-se a presença de narradores-protagonistas que oscilam entre a saudade, a resiliência, a ironia e a indignação, e estão em posições distintas, quanto ao tempo e ao espaço no confronto com a morte, na travessia de experiências *sui generis*.

**ABSTRACT:** This paper intends to discuss the theme of death in the literary chronicle of writers from Goiás. As a theoretical framework for the central theme, the studies of Edgar Morin (1997), Philippe Ariès (2012), and Arthur Schopenhauer (2014) were essential. From the results, it was verified the presence of narrator-protagonists who oscillate among longing, resilience, irony and indignation, and

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pelo Programa de Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP) e Pós-Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade Católica Portuguesa (UCP-Braga/Portugal). Integra o Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP/CNPq). Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Curso de Letras da Unidade Universitária de Pires do Rio e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (Poslli) do Câmpus Cora Coralina. CV: <http://lattes.cnpq.br/9027649509165461> E-mail: [jane.gandra@ueg.br](mailto:jane.gandra@ueg.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7400-1610>.

<sup>2</sup> Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Pós-Doutora em Estudos Culturais pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Curso de Letras da Unidade Universitária de Pires do Rio e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (Poslli) do Câmpus Cora Coralina. Integra a Rede Poesia, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP/CNPq), o GT da ANPOLL Teoria do Texto Poético e o Gelco. CV: <http://lattes.cnpq.br/6682621513643586> E-mail: [nismaria.david@ueg.br](mailto:nismaria.david@ueg.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5278-4888>.

---

are in different positions, regarding time and space in the confrontation with death, in the crossing of sui generis experiences

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Morte; Narrador; Literatura; Contemporaneidade.

KEYWORDS: Chronicle; Death; Narrator; Literature; Contemporary.

---

## 1 Introdução

Até meados do século XIX, todo relato histórico era chamado de cronicão, passando a ser designado como História. A partir de então, surgem periodicamente folhetins nos jornais com o propósito de conquistar novos leitores, alinhando o teor de entretenimento, a informação e o comentário num comedido espaço. Este tipo de produção recebeu, mais tarde, o nome de crônica. Na nova configuração, o escritor ou jornalista podia exercitar a literariedade, a crítica e a criatividade sobre alguma matéria, acontecimento ou tensão da época.

A crônica, como texto multiforme, permite que se apresente na forma de monólogo ou de diálogo, sob o tom confessional, na disposição em versos ou em formato epistolar. A crônica literária captura o instante de maneira poética, sendo a maior das suas exigências não reproduzir somente as circunstâncias. Em relação ao evento factual, ela transita, ao mesmo tempo, pelo caráter informal, memorialístico e gracioso dos anais, como ainda se atém à interpretação realizada pela historiografia.

De acordo com Davi Arrigucci Jr. (1987), a crônica é um relato que se apoia nas lembranças convertidas para a escrita. Trata-se, sobretudo, de uma produção que estabelece uma dependência com o tempo.

---

Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 51).

Por essas e outras particularidades, muitos cultores da crônica jornalística consideram-na esteticamente como um gênero literário menor em relação a outros já consagrados, como o poema e o romance. Por exemplo, Clarice Lispector, em sua crônica “Escrever para jornal e escrever livro”, declara a sua dileção pela produção livresca, mas esclarece que existe uma inclinação e um entusiasmo em se comunicar semanalmente com o público do periódico: “Não há dúvida, porém, de que eu valorizo muito mais o que escrevo em livros do que o que eu escrevo para jornais – isso sem, no entanto, deixar de escrever com gosto para o leitor de jornal e sem deixar de amá-lo” (LISPECTOR, 1984, p. 669).

Ainda nos estudos de Arrigucci Jr. (1987), este considera injusto rebaixar a crônica a mero suplemento de jornal, pelo menos no que se refere à totalidade da produção brasileira. Na sua acepção, este gênero no país passou por mudanças peculiares e significativas, refletindo um cuidado estético e uma evidente autonomia criacional.

Desse modo, o recorte de interesse deste artigo é apresentar algumas crônicas publicadas no jornal *O popular*, no interstício de dez anos, que explorem a temática da morte na urbanidade moderna. Como informação suplementar, para comemorar o seu aniversário de oitenta e três anos, o jornal *O popular* presenteou o seu público com a organização e a compilação, num *e-book*, de quarenta e oito crônicas de dezesseis autores goianos, entre escritores e jornalistas. O objetivo de seus organizadores, Rodrigo Alves, Fabrício Cardoso e Silvana Bittencourt, com a

---

reunião desses textos parece ser estimular a criticidade e a sensibilidade dos leitores, provocando-lhes sensações e reflexões sobre episódios da vida contemporânea, bem como mediar momentos prazenteiros por meio da leitura.

No tocante ao plano de expressão, os textos cronísticos dessa coletânea são relativamente curtos, marcados por uma linguagem lacônica, mas sem negligenciar o lirismo, a sagacidade do argumento e o tom provocativo ao leitor. Em muitas delas, a ironia perpassa o texto em sutilezas ou, em menor número, de maneira evidente, na intenção de sacudir o leitor.

Percebe-se que essa antologia acompanha a tendência da ficção contemporânea de abrir espaço para a diversidade, prioritariamente, no que se refere às personagens marginais. Aquelas pessoas anônimas que são excluídas e invisibilizadas pela urbanidade hostil das grandes metrópoles. Carlindo Raleado, protagonista em “Natal em família”, de Edival Lourenço, é mais uma dessas representações de oprimidos, escorraçados do espaço citadino, que, nessa crônica, é chamado intencionalmente de “Mundocaia”: “Cedo ainda concluiu que a cidade não gostava dele. Que aquilo era uma terra amaldiçoada, caprichosa, habitada por gente sem piedade e sem coração” (LOURENÇO, 2021, p. 18). Essas personagens vivenciam situações em que se avultam a vaidade, a indiferença e a intolerância com o outro, mas que não são suficientes para sombrear momentos de flagrante ternura e fantasia como ocorre na história dos catadores de papel e sua filha em “João e Maria”, de Fabrícia Hamu. A crítica social é uma constante e percorre muitos desses textos. Um dos mais acertados é o que discute acerca do conceito equivocado de felicidade e sobre a busca frenética por ser feliz, como apresentado na crônica “A tal felicidade”, de Leon Rabelo.

---

As crônicas-brindes de *O popular* dedicam espaços para assuntos variados e surpreendentes, relacionados ao movimento intenso e ligeiro do dia a dia dos grandes centros, observados, testemunhados ou mesmo imaginados a partir de algo que impactou o escritor ou o jornalista. Os títulos dessas publicações, geralmente, são convidativos e enigmáticos, sob a forma de metáfora, despertando a curiosidade leitora.

Já o humor e o pitoresco ficam a cargo de outras produções que discutem os inevitáveis quiproquós ocasionados pelas pressões da vida cotidiana como, por exemplo, “Caso de pano e de polícia”, de Cássia Fernandes. São delas também as duas crônicas de engenhosa criatividade e imaginação que refletem sobre os desencontros amorosos, particularmente percebidos pela ótica da mulher urbana, “Amor à voz” e “Os lugares imprevistos do amor”. A risibilidade ainda reside nos textos que cuidam sobre o uso impreciso da língua portuguesa, como em “Para noias & para grafos”, e a invasão imperialista do anglicismo no falar do brasileiro com a crônica-denúncia “O português tomou no cool”, ambas publicações de Gustavo Palmeira.

Outros três textos imperdíveis são “Mulheres”, de Lena Castelo Branco, “A torneira não para de pingar”, de Fabrício Cardoso, e “A sua bolha ou a minha?”, de Leon Rabelo. O primeiro explora o argumento da condição feminina, fazendo uma retrospectiva histórica do tratamento patriarcal dispensado à mulher, e o segundo, de maneira metafórica, expõe como a sociedade é intolerante ao fato de que todo homem deve se encaixar no modelo ideal de masculinidade. O terceiro, por sua vez, consiste em mais uma crônica que ativa a compreensão e a imaginação leitora quando discute a polarização do pensamento na atualidade e a intolerância ao contraditório.

---

O processo metaficcional também ganha espaço e fôlego nas abordagens de duas divertidas crônicas: “Batendo a meta linguística”, novamente outro interessante argumento utilizado por Gustavo Palmeira, e “Cronista em início de carreira”, de Adeline da Silveira Barros. O narrador de Palmeira manifesta-se sobre a urgência da encomenda jornalística e, ao mesmo tempo, mostra na própria escrita como subverter o cumprimento da meta de caracteres, utilizando um tipo de verborragia quando ao se dar a apresentar o sentido etimológico de alguma palavra ou expressão.

[...] quando escrevo um texto aqui para o Jornal, eu tenho uma meta a bater: são 2.700 caracteres por crônica. Ou seja, a cada texto, tenho que expressar a minha ideia com, no mínimo, 2.700 toques no teclado. E o caminho para alcançar essa meta linguística às vezes fica especialmente difícil para mim, que tanto gosto da compacidade da comunicação dos nossos tempos (leia-se viciado em memes da Gretchen). E muita gente achava que arte não dava trabalho né? Nem tudo é quadro abstrato, meus amigos (PALMEIRA, 2021, p. 33).

Nem sempre a sua elaboração é tarefa fácil. Às vezes, no texto contratado, quando faltam partes ou se ultrapassa o tamanho exigido, o cronista pode deixar a produção “de molho”, para, em hora oportuna, cumprir a extensão ideal da encomenda: “Porém, aqui na casa dos 979 toques, eu devo fazer uma confissão: nem sempre fui capaz de atingir a determinação numeral estabelecida pelos meus amados contratantes” (PALMEIRA, 2021, p. 33). Para Jorge de Sá (2005), a crônica para o jornal passa por “ [...] uma espécie de censura ou, pelo menos, de limitação” (SÁ, 2005, p. 7). As pressões sofridas pelo cronista – como a intromissão editorial, o limite do espaço de publicação e a preocupação de escrever algo que reflita o interesse dos leitores do periódico – acabam tornando a estrutura de criação mais singular e interessante.

---

Na composição cronística de Adelice Barros, ocorre mais uma peculiaridade desse texto. No breve escrito, confia-se sobre a angústia da “amputação” de uma produção, depois de pronta, devido às exigências editoriais do jornal.

Eram textos longos demais, para um espaço reservado à crônica. Teria que me virar sozinha e pronto. Mas cortar onde, se não tinha o que cortar? Eram assuntos fechados, costurados no capricho com desfecho bem amarradinho e tudo. Eu estava literalmente apaixonada pelas minhas crônicas (BARROS, 2021, p. 5).

A crônica jornalística sofre uma redução de seu valor literário, provocada pela fragilidade e urgência de criação, principalmente no que tange à efemeridade do argumento.

O jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. Nesse contexto, a crônica também assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados, que leem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte ou no raro momento de trégua que a televisão lhes permite (SÁ, 2005, p. 10).

Independente do gênero textual escolhido pelo artista, a escrita literária é uma prática para poucos. Muitos escritores revelaram, no conjunto de sua obra, a difícil tarefa do fazer literário. De modo ilustrativo, a confissão do narrador-escritor Rodrigo do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, representa a ideia de que escrever “ [...] é duro como quebrar rochas” (LISPECTOR, 1998, p. 28). Já no poema “O lutador”, de Carlos Drummond de Andrade, o eu-lírico revela a sua dificuldade de domar a palavra, que se apresenta como uma entidade voluntariosa e ausente quando do apelo da criação poética.

## 2 A temática da morte na crônica goiana

---

Desde o início dos tempos, a morte enquanto conceito não existia. Para os povos primitivos, ela tinha um caráter de imortalidade, aparecendo como uma espécie de sono, uma passagem, uma entrada que possibilitava morar com os ancestrais ou um tipo de viagem, conforme Edgar Morin (1997). O antropólogo e filósofo francês considera que tais impressões não podem sugerir que os antigos ignoravam a existência da morte. Longe disso, há a aceitação de sua inevitável ocorrência.

A morte, como fenômeno, está conectada à vida. E quando ela sucede sobre o indivíduo, o morto não é mais um ser comum. Tanto assim que o tratamento dado ao corpo, segundo os rituais de cada comunidade, indica que ele agora habita na realidade da morte. Além disso, por representar o oculto e o desconhecido, torna-se uma lei inevitável que desperta, na mesma medida, os temores e os interesses humanos.

Arthur Schopenhauer (2014) credita que a Filosofia é a filha da morte, sem a qual a primeira não teria existido, pois não suscitaria o argumento e a meditação. Ainda nos estudos do filósofo alemão, particularmente no seu ensaio denominado *Morte e dor*, adverte-se que o ato de nascer e de morrer, mesmo estando em polos opostos da existência, são circunstâncias inevitáveis da vida e que as manifestações do ser residem no intervalo dos dois fenômenos.

Nas defesas de Schopenhauer (2014), mesmo que a perda de alguém represente dor, a morte é necessária, uma vez que a existência do homem é vazia. Se concedida a imortalidade para o homem, este viveria em efetivo tormento, por conviver com seu caráter definitivo e com a eterna consciência disso. Para tornar o mundo melhor, seria preciso que o indivíduo se modificasse plenamente, mas isso

---

somente ocorreria se ele se tornasse o que não é. Nesse aspecto, somente a morte poderia produzir este feito sobre a essência humana.

Philippe Ariès (2012), em seu livro *A história da morte no Ocidente*, estabelece que “as transformações do homem diante da morte são extremamente lentas por sua própria natureza ou se situam entre longos períodos de imobilidade” (ARIÈS, 2012, p. 24). Contudo, ele aponta quatro mudanças significativas no comportamento humano em relação à morte no decorrer da História ocidental: a primeira, alteração de perspectiva que ele convencionou chamar de “morte domada”, foi substituída pela valorização da “morte de si mesmo”, passando para “a morte do outro” até se fixar na cultura urbana de banimento da presença da morte, denominada de “morte interdita”.

Na segunda mudança, a “morte domada” – a mais antiga, duradoura e comum das quatro – consiste na adoção de aceitar o destino de todos: morrer. Já na “morte de si mesmo”, há o enaltecimento da história pessoal no instante da morte: “A morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo” (ARIÈS, 2012, p. 61).

No que tange ao terceiro viés, a partir do século XVIII, surge outro olhar cuja caracterização denomina-se de “a morte do outro”. Nesse período, o homem é arrebatado pelo sentimento mórbido. Há uma reverência à morte e a tudo que lhe diz respeito. O indivíduo devota menos atenção à sua finitude e se volta para “a morte do outro”. Essa morte romantizada é vinculada à retórica e à dramatização das emoções. O sentimento se desdobra nos séculos XIX e XX com o surgimento de uma nova tendência de cultuar os mortos. As pessoas, comovidas e saudosas com a ausência do falecido, empreendem verdadeiras peregrinações a sepulturas e cemitérios como forma de amenizar a dor e prestar homenagens a quem morreu:

---

[...] a concessão da sepultura tornou-se uma certa forma de propriedade [...]. Vai-se, então, visitar o túmulo de um ente querido como se vai à casa de um parente ou a uma casa própria, cheia de recordações. A recordação confere ao morto uma espécie de imortalidade (ARIÈS, 2012, p. 77).

Esse evento sofreu influência religiosa e se tornou muito comum até meados da primeira década do século XXI. Ariès comenta sobre a admiração de toda a comunidade das Ciências Sociais no que se refere à brusca inversão das ideias e dos sentimentos em relação à morte ocorrida na contemporaneidade. Ele adverte que é um acontecimento nunca imaginado ou visto na História da civilização ocidental: “A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição” (ARIÈS, 2012, p. 84). Portanto, o interdito da morte aparece subitamente, depois de muitos séculos em que representava uma oportunidade de exibição social.

Na atualidade, ao adotar o hedonismo como estilo de vida, é comum a ostentação de uma existência sempre feliz e, se não for, deve-se fingir que a possui. Essa imagem distorcida da plenitude do viver se torna incompatível com as deformidades advindas da dor e da angústia provocadas pela perda de um ente querido. Ariès (2012) elenca algumas mudanças drásticas quanto às atitudes humanas tradicionais relativas à morte e aos seus rituais. A primeira constatação é de que se tornou inapropriado falecer em casa, pois o ato de morrer ocorre em hospitais e, muitas vezes, o indivíduo se encontra longe dos familiares. Isto ocorre porque o tratamento, que era feito na casa do doente, transferiu-se para a assistência hospitalar: “Vamos ao hospital não mais para sermos curados, mas precisamente para morrer” (ARIÈS, 2012, p. 86).

---

Ainda, na perspectiva de Ariès (2012), outra confirmação é que expressar o luto se converteu num ato condenável e ultrapassado. Não existe mais a preocupação de usar a cor do luto, por exemplo. E o sofrimento externado em público, além de ser censurado, é considerado como um sinal de descontrole. Viver o luto, hoje, passou a ser uma experiência estereotipada como “vergonha alheia”. Solitário, o indivíduo tem bem mais dificuldade de superá-lo. Passado o enterro, com o esvaziamento da presença da morte, não há mais uma predisposição das famílias a visitar cemitérios. Por isso, optam-se pela cremação, que emerge como a escolha principal para os sepultamentos. Assim, a interdição da morte surge como uma estratégia de blindar a felicidade, tão fugaz e ilusória, do homem contemporâneo.

Trata-se de um assunto contraditório que, ao mesmo tempo, desperta no homem curiosidade e temor. O estudo sobre esse fenômeno da existência humana ainda é amplo, desconhecido, complexo e envolto em muitos interditos na sociedade. As representações acerca da morte povoam o imaginário da humanidade e perpetuaram-se por entre os tempos. Maria Júlia Kovács (2022) enumera, pelo menos, duas imagens grotescas: a do carrasco com seu machado, algoz que ceifa a vida; e a velha sem dentes. Acrescentam-se às duas figuras a caveira e a mulher cadavérica de vestes negras com a foice.

Na literatura, o texto literário se consistiu em uma maneira para expurgar os temores e desmistificar as ameaças do morrer. Manuel Bandeira (1993), por exemplo, no poema “Consoada”, ao personificar a morte, denomina-a de a “indesejada das gentes”. O eu-lírico irônico e humorístico revela, ao convidá-la para um banquete, estar preparado para a chegada dela. Reflete ainda quanto ao caráter universal e irreversível da morte e sobre o fato de que não se pode enganá-la, sendo, portanto, inevitável o fim de todo ser.

---

Outra obra de expressão portuguesa que explora esse argumento é o romance *As intermitências da morte*, de José Saramago (2005). Com ironia e humor costumeiros, o escritor constrói um narrador que relata o dia em que a morte fez greve, deixando de ocorrer. Depois de instaurado o caos, as instituições do Estado e da Igreja entram em desespero, pois entendem que a ausência da morte irá colapsar os cofres públicos e a ideologia cristã da ressurreição. Dessa maneira, novamente, por meio do evento da morte instaura-se o riso em derrisão à ignorância, ao egoísmo e à vaidade humana.

Outro exemplo que traz a temática da morte é o livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, o qual supera a expectativa leitora quando apresenta um defunto autor que subverte a morte, narrando as suas memórias. Brás Cubas descreve a encenação de seu enterro, aproximando-se do momento da crucificação de Jesus Cristo, uma vez que, coincidentemente, onze amigos e três mulheres assistem ao sepultamento do narrador-protagonista.

A morte também é o centro de discussão para as três crônicas selecionadas neste artigo. Na primeira delas, “Luzes que não se apagam”, de Fabrícia Hamu, há uma voz narrativa feminina que conta o seu encontro casual com a amiga de sua mãe (já falecida), Helena. A amizade entre estas se deu por enfrentarem a mesma doença, o câncer.

No enredo, mesmo diante da sentença de morte por uma doença incurável, Helena ressignifica rotas na intenção de usufruir, da melhor maneira possível, dos poucos dias de vida restantes. Desse modo, ela se prepara emocionalmente para a morte.

De acordo com Maria Júlia Kovács (2022), a morte é percebida pelo homem, dependendo da maneira como ela ocorre:

---

[...] pode ser esperada e acalentada, quando a doença é longa, com sofrimento, nesse caso, por vezes será vista como um anjo que nos levará nos braços. Ou pode ser encarada, quando ocorre um acidente, homicídio ou suicídio, assombrando as pessoas, nesse caso, irrompe e causa desconforto, desespero, desesperança e desamparo (KOVÁCS, 2022, p. 7).

Assim, a imagem contida no título “Luzes que não se apagam” indica o sentido de viver sempre atento para as pessoas importantes a sua volta. Os mínimos detalhes no cotidiano passam a ser valorizados. Os instantes com familiares tornam-se importantes para a personagem. Ela retoma sonhos e se dedica a atividades de ócio que, no passado, costumava achar desperdício de tempo e de recursos financeiros. “Helena também decidira cultivar no apartamento as plantas que gosta, mas com as quais achava bobagem desperdiçar energia e dinheiro” (HAMU, 2021, p. 20). A urbanidade propala a falsa ideia de que o tempo de lazer em família é infrutífero se comparado aos ganhos de capital e de status do mundo do trabalho.

Nessa crônica, a temática da morte é apresentada por meio do sentimento de saudade e de vazio. No liminar entre a vida e a morte, o sujeito vê com precisão o tempo pregresso e o que está por vir, (re)descobre-se e decide aproveitar os últimos instantes da existência. Helena descobre cheiros, sabores e sensações que nunca sentira. Depois de mudar o comportamento, estabelece uma nova interação com a neta: “Com a consciência de ter os dias contados, percebi que realizar meus desejos nunca é perda de tempo” (HAMU, 2021, p. 20) Sua nova perspectiva promove uma certa resistência à inevitável morte datada, existindo e imprimindo a sua marca na vida dos que a rodeiam e, no caso da neta, perpetuando o seu nome.

“Luzes que não se apagam” é a representação da força de viver que parece apagada, mas basta uma fagulha de sabedoria para a vida ressurgir com mais vigor e intensidade. Helena confessa: “Hoje, creio que estou realmente presente na minha

---

própria vida. Não vivo mais no piloto automático. Faço apenas o que tem sentido para mim” (HAMU, 2021, p. 20). No automatismo, o indivíduo não presta atenção no presente e nas pessoas de seu convívio, sendo mais frequentes as negligências afetivas, a procrastinação de tarefas e a postergação de sonhos. Ao final da narrativa, o leitor constata que o hábito de viver deslocou os espaços de encontros: não mais festas e locais de recreação, mas sim supermercados e shoppings, evidenciando que o consumo e o dinheiro atravessam as relações interpessoais na contemporaneidade.

Embora o texto de Hamu aborde a morte, ele se converte numa reflexão e no chamamento do leitor para a vida, numa nova convicção. O enredo também promove o resgate da dignidade, fragilizada pelo diagnóstico da doença incurável. Apresenta os benefícios do encontro entre pessoas que enfrentam o mesmo problema: o desabafo, a empatia e a cumplicidade.

No segundo texto escolhido, a crônica-conto “Covas estreitas”, de André de Leones, traz um discurso ácido e de denúncia, que expõe, em primeira pessoa, o contexto adverso enfrentado durante a Covid-19. Apresenta a dura realidade das inúmeras mortes inesperadas decorrentes da pandemia e a impossibilidade de velar esses corpos. Sobre isso, Maria Júlia Kovács (2022) acrescenta que muitas delas ocorreram “[...] em local frio, estranho, com ruídos intensos, apesar de esforços hercúleos dos profissionais envolvidos. Família e amigos mal conseguiram se despedir, velar e cuidar de seus entes queridos” (KOVÁCS, 2022, p. 10).

Philippe Ariès (2012, p. 88) comenta que, embora nos tempos atuais haja uma tendência para os interditos da morte, como a desobrigação dos rituais funerários, ocorre uma comoção diante da precocidade e da imprevisibilidade de morrer. Como no caso de acidente, a morte de alguém é profundamente sentida.

---

Pode-se, ademais, aplicar a mesma reflexão do referido teórico para a mortandade ocorrida durante a pandemia.

Na crônica, em específico, há uma imagem grotesca na personificação do cemitério, reafirmada com o grande número de mortes, bem como explicita a impotência humana diante da finitude: “A paisagem era de covas abertas, aquela infinidade de bocas escancaradas para o nada, como se o próprio chão estivesse estupefato, aterrorizado” (LEONES, 2021, p. 10). Além disso, a crônica apresenta um viés filosófico quando reflete que: “A morte exige muito do corpo de quem continua vivo, de quem encara a boca aberta no chão, de quem testemunha a descida” (LEONES, 2021, p. 10). Em outros termos, a morte demanda excessivamente das pessoas, que lidarão com a ausência e a saudade.

Em oposição e ironicamente, a expressão “belo dia”, comparada ao “descarte” dos corpos, avulta a insensibilidade humana, despertada pelo medo de morrer dos sobreviventes: “uma quantidade enorme de enterros ocorrendo às pressas, um atrás do outro, como se acompanhasse uma linha de montagem da morte, ou uma linha de desmontagem, de descarte” (LEONES, 2021, p. 10). Esse fragmento é a ilustração da ideia de ter havido um tipo de mercado da morte, em que não se destacou a individualidade e nem a importância de cada indivíduo. A imagem de “covas estreitas” está associada ao desassossego provocado pela vulnerabilidade humana diante da iminente morte. É uma metáfora cunhada de ironia para a última propriedade, de tamanho restrito, pois, independente da classe social do morto, todos foram igualados ao espaço diminuto de uma cova estreita.

O enredo ainda destaca a exaustão dos coveiros, trabalhadores invisíveis, cujo ofício excessivo e pesado de abrir covas se faz essencial, sobretudo durante a

---

pandemia. Corpos que testemunham a dor familiar, mas que estão ausentes. Muito dessa insensibilidade advém do automatismo de lidar com a morte no dia a dia.

Ainda se discute o contraponto entre o serviço e o cansaço dos coveiros, que tem pouco reconhecimento social, e o interesse e a irresponsabilidade de alguns que lucraram com a pandemia: “criminosos que permitiram à doença escalar com tamanha ferocidade” (LEONES, 2021, p. 10), avolumando o número de covas. Dessa maneira, o narrador expressa sua visão crítica sobre a realidade de morte instaurada no Brasil por negligência e oportunismo de algumas pessoas: “E aqui nos deixam, sozinhos com os nossos mortos, à beira da enorme cova estreita que se tornou esse país” (LEONES, 2021, p. 10). Há a sensação de falta de saída que promove a desolação e a sensação da solidão.

O olhar do narrador volta-se também para o passado, quando era criança em Goiás e presenciava sepultamentos, e o confronta com contexto da pandemia. Revela a perspectiva infantil que tinha sobre as dimensões do cemitério que, no passado, já tinha limites precisos. Dessa forma, percebe que não haveria lugar para todos os mortos, se as mortes continuassem num ritmo acentuado: “Seriam enterradas umas sobre as outras?” (LEONES, 2021, p. 10).

A Covid-19 desmontou a ilusão de um estado contínuo de felicidade e de invencibilidade humanas. O indivíduo viu-se depressivo, vulnerável e frágil. Embora a população mundial tenha passado pela iminência de sua dizimação, a crônica sugere que não é percebida, depois de superado o risco, a mudança de comportamento nos sujeitos no sentido de se tornarem mais humanizados.

A terceira e última crônica analisada, “Missa de sétimo dia”, de Maria Lúcia Félix Bufaiçal, é uma crônica-carta direcionada ao pai da narradora e, por extensão, pode ser apropriada pelo leitor. Nela, as lembranças são suscitadas a partir de um

---

episódio recorrente que acontecia entre a narradora-protagonista e o pai, agora falecido: o momento de se vestir para sair.

A dor da saudade é, para a narradora, constante e insistente. Contudo, ela confia que resiste a dor da ausência, envolvendo-se com a realização de atividades rotineiras. Ainda revela que a morte é mais um dos tantos rituais presentes na vida. E como tal deve cumpri-lo adequadamente para continuar a jornada sem a presença paterna.

As sensações provenientes da ausência do pai são conflitantes para a narradora, que as compara com os atributos da água. O barulho do movimento da água representa a paz e a tranquilidade, como era ouvir o pai. A voz paterna, como metonímia para a presença do corpo, é comparada ao rio, correndo na quietude e imprimindo a sua marca por onde passa. De outro lado, a imensidão, a profundidade e a força das águas causam medo na narradora, como também o vazio que invade espaços e que faz sobressair a vulnerabilidade dela. Nesse sentido, a narradora constrói a imagem de que a saudade é como a água em redemoinho, que envolve a pessoa numa espécie de espiral, não deixando opções de saída. Teresa Gouvêa et al. (2022) expressa que a morte “[...] chega em casa e carrega a voz, o olhar, os passos e o cheiro para outras paragens” (GOUVÊA, 2022, p. 13).

Ainda, nas revelações do foco narrativo, a cidade se personifica no indivíduo metropolitano insensível e narcisista, que segue o movimento ensurdecido e agitado do centro urbano, sem se dar conta do sofrimento pelo qual passa a narradora.

Essa crônica-carta é um tipo de desabafo, como forma de superação para a perda irreparável do pai. Assim, as memórias presentificam a figura paterna. A narradora-protagonista volta-se ao passado de ambos e percebe a atuação

---

fundamental dele quanto as suas inseguranças e dificuldades. O adulto saudoso, ao referir as suas impressões de criança, vê a figura de quem mais ama e admira agigantada e hiperbolicamente perfeita e corajosa. O pai era, nessas confidências, um homem sábio, sensível e amoroso. Seus conselhos sempre ressaltavam que o espírito de aventura governa a vida, por isso requer coragem, como diria Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*.

Por fim, a narradora destaca que o cumprimento de continuar vivendo é uma herança da ascendência que partiu. É continuar o legado dos pais que, depois de mortos, sobrevivem na existência dos filhos.

### 3 Considerações finais

As três crônicas proporcionam ao leitor verificar as atitudes humanas diante do fenômeno da morte em momentos distintos quanto ao tempo e ao espaço em que se coloca o narrador. Na crônica “Luzes que não se apagam”, há a amiga que, sentenciada à morte pela doença incurável, ressignifica a vida. Já em “Covas estreitas”, pode-se encontrar o narrador atento e perscrutador que reflete sobre a morte em tempos de pandemia. E, no texto “Missa de sétimo dia”, há a narradora que, entre o lirismo e a sutileza do argumento, discute sobre o sentimento contraditório provocado pelas lembranças paternas no momento do pós-morte.

Mesmo no século XXI, a morte ainda é assunto censurado e evitado. Tem-se a falsa impressão de que, deixando-a no esquecimento e no interdito, impede-se que ela ocorra perto de nós. A morte, com essa aura de indesejável, concede importantes ensinamentos ao homem. Embora a humanidade tenha passado por uma pandemia recentemente, e continue enfrentando catástrofes naturais e guerras, parece que

---

não aprende as lições e não muda a sua insensibilidade. Na sua prepotência associada às facilidades da vida contemporânea, o indivíduo ainda acredita e deseja, inconscientemente, ser imortal. Entretanto, a imortalidade almejada está associada ao vigor, à saúde e à beleza da juventude, desprezando a velhice e as fragilidades da decrepitude e da doença.

“Covas estreitas” é um texto cáustico. Percebe-se uma consciência político-social do narrador sobre o sepultamento em série na época da Covid-19, que mais parecia um “descarte de corpos”. Declara que, durante a crise sanitária, instaurou-se uma espécie de indústria da morte que deveria interessar a algumas pessoas oportunistas e inescrupulosas. Em relação às outras crônicas, há narradoras que refletem sobre os comportamentos e emoções humanos afetados pela morte.

Portanto, nos textos analisados, quando um ente familiar morre ou está sob a opressão da iminência da morte, o leitor se depara com personagens que reavaliam a vida. Nesse aspecto, a memória consistirá num importante canal para se descobrir a necessidade de resignificação dos caminhos futuros. Independentemente de como a morte se dê, lenta e conformada ou de forma inesperada e traumática, ela deixará para quem fica o sentimento da ausência presente.

## Referências

ALVES, Rodrigo; CARDOSO, Fabrício; BITTENCOURT, Silvana. *A força da palavra*. Um olhar goiano refletido em 48 crônicas selecionadas. *E-book*. In: *O popular*. 83 anos. Edição de arte, capa e Ilustrações André Rodrigues, 2021. Disponível em <https://conteudo.opopular.com.br/e-book-a-forca-da-palavra>. Acesso em 20 mar. 2022.

ANDRADE, Carlos Drummond. O lutador. In: ANDRADE, Carlos Drummond. *José*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

---

ARIÈS, Philippe. *A história da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica . In: *Enigma e comentários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Moderna, 1999.

BANDEIRA, Manuel. Consoada. In : *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARROS, Adelice. Cronista em início de carreira. ALVES, Rodrigo; CARDOSO, Fabrício; BITTENCOURT, Silvana. *A força da palavra*. Um olhar goiano refletido em 48 crônicas selecionadas. *E-book*. In: *O popular*. 83 anos. Edição de arte, capa e Ilustrações André Rodrigues, 2021. p. 5. Disponível em <https://conteudo.opopular.com.br/e-book-a-forca-da-palavra>. Acesso em 20 mar. 2022.

GOUVÊA, Teresa Vera de Sousa; FUKUMITSU, Karina Okajima. *Quando a morte chega em casa*. São Paulo: Summus Editorial, 2022.

HAMU, Fabrícia. Luzes que se apagam. ALVES, Rodrigo; CARDOSO, Fabrício; BITTENCOURT, Silvana. *A força da palavra*. Um olhar goiano refletido em 48 crônicas selecionadas. *E-book*. In: *O popular*. 83 anos. Edição de arte, capa e Ilustrações André Rodrigues, 2021. p. 19-20. Disponível em <https://conteudo.opopular.com.br/e-book-a-forca-da-palavra>. Acesso em 20 mar. 2022.

KOVÁCS, Maria Júlia. Prefácio In: GOUVÊA, Teresa Vera de Sousa; FUKUMITSU, Karina Okajima. *Quando a morte chega em casa*. São Paulo: Summus Editorial, 2022, p. 7-12.

LEONES, André. Covas estreitas. ALVES, Rodrigo; CARDOSO, Fabrício; BITTENCOURT, Silvana. *A força da palavra*. Um olhar goiano refletido em 48 crônicas selecionadas. *E-book*. In: *O popular*. 83 anos. Edição de arte, capa e Ilustrações André Rodrigues, 2021. p. 10. Disponível em <https://conteudo.opopular.com.br/e-book-a-forca-da-palavra>. Acesso em 20 mar. 2022.

LISPECTOR, Clarice. Escrever para jornal e escrever livro. In: LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 668-669.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

---

LOURENÇO, Edival. Natal em família. ALVES, Rodrigo; CARDOSO, Fabrício; BITTENCOURT, Silvana. *A força da palavra*. Um olhar goiano refletido em 48 crônicas selecionadas. *E-book*. In: *O popular*. 83 anos. Edição de arte, capa e Ilustrações André Rodrigues, 2021. p. 18. Disponível em <https://conteudo.opopular.com.br/e-book-a-forca-da-palavra>. Acesso em 20 mar. 2022.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997

PALMEIRA, Gustavo. Batendo a meta linguística. ALVES, Rodrigo; CARDOSO, Fabrício; BITTENCOURT, Silvana. *A força da palavra*. Um olhar goiano refletido em 48 crônicas selecionadas. *E-book*. In: *O popular*. 83 anos. Edição de arte, capa e Ilustrações André Rodrigues, 2021. p. 33. Disponível em <https://conteudo.opopular.com.br/e-book-a-forca-da-palavra>. Acesso em 20 mar. 2022.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Dores do mundo: o amor, a morte, a arte, a moral, a religião, a política, o homem e a sociedade*. Tradução José Souza de Oliveira. São Paulo: Edipro, 2014.

Recebido em 12/06/2024

Aceito em 16/09/2024